

COLSTON, H. L. Linguagem figurada: uma entrevista com com Herbert L. Colston. Tradução de Larissa Colombo Freisleben e Sara Luiza Hoff. *ReVEL*, v. 23, n. 44, 2025. [www.revel.inf.br].

Linguagem figurada: uma entrevista com Herbert L. Colston

Herbert L. Colston¹

ReVEL – O tema desta edição da *ReVEL* é “linguagem figurada”, um conceito que parece ser bem abrangente. Como você o definiria?

HERBERT L. COLSTON – Definir linguagem figurada é, na verdade, algo muito difícil de se fazer – porque não parece haver nenhum tipo de fronteira fixa que separe de maneira clara linguagem figurada e linguagem não figurada. No entanto, se observarmos as formas de linguagem que se diferenciam gradualmente à medida em que nos aproximamos dos extremos figurados e não figurados desse *continuum*, é possível identificar algumas diferenças. A linguagem mais figurada, vista desse modo, frequentemente envolve fala, escrita ou sinais (mas a figuratividade também pode envolver símbolos não linguísticos, imagens, comportamentos e diversas outras coisas) em que existe algum tipo de desvio entre o significado de superfície da linguagem (ou o seu significado “literal”, segundo algumas explicações) e o significado pretendido pelo falante/escritor/sinalizante. Assim, por exemplo, no caso de uma metáfora, uma pessoa pode dizer: “Não confio nessa pessoa, ele é uma cobra” para indicar que a pessoa não é confiável, ou que é perigosa, ou desonesta, ou alguma outra coisa bastante negativa, e não que a pessoa é de fato o animal no qual normalmente pensamos quando ouvimos “cobra”. A linguagem figurada gerar efeitos muito interessantes com esses tipos de desvios, que podem envolver muitos tipos de significados interessantes e repletos de nuances. Por exemplo, a ironia verbal – ou sarcasmo, como um tipo de ironia verbal é comumente chamado – geralmente envolve dizer o que parece ser o oposto do que se pretende. Assim, dizer “o tempo aqui está ótimo” durante um furacão é geralmente usado para expressar desaprovação, mas isso é feito com uma linguagem que parece ser positiva. O mais interessante no estudo da linguagem figurada é tentar

¹ Professor no Centro de Psicolinguística Comparada, Universidade de Alberta, Canadá.

descobrir como ela acaba transmitindo o sentido que transmite, por meio da variedade de mecanismos que emprega para criar esse significado.

ReVEL – O primeiro capítulo do seu livro *Using figurative language* [Usando linguagem figurada] apresenta uma questão interessante: “Por que as pessoas simplesmente não dizem o que querem dizer?”. Como você responderia a essa pergunta hoje em dia, considerando sua experiência? Algo mudou desde a publicação do livro em 2015?

HERBERT L. COLSTON – Eu provavelmente teria a mesma resposta básica, mas talvez eu pudesse dizer mais sobre isso agora do que em 2015. Na verdade, acho que as pessoas DIZEM o que elas querem dizer, ou pelo menos tentam fazer isso (a não ser, é claro, que estejam mentindo), mas elas fazem isso por meio dos tipos de processos figurados que eu mencionei; por exemplo, usando um assunto diferente do que o que realmente está sendo discutido, como no exemplo da metáfora da “cobra”, ou intencionando dizer algo um pouco oposto ao que dizem na ironia verbal. As pessoas não dependem apenas dos significados mais padronizados das palavras posicionadas em sua gramática para expressar significados; elas utilizam esses processos figurados para adicionar nuance e complexidade e para enriquecer seus significados de maneiras que simplesmente não poderiam ser feitas sem a linguagem figurada. Por exemplo, você provavelmente poderia usar as paráfrases mais básicas dos exemplos de metáfora e de ironia verbal usados acima (ou seja, ele não é confiável, o tempo está ruim), mas você não chegaria nem perto da sutileza e da nuance expressas pelas formulações figuradas. A figuratividade empresta seus sabores próprios e poderosos a significados que não podem ser obtidos de nenhuma outra forma.

ReVEL – No artigo “The roots of metaphor: the essence of thought” [As raízes da metáfora: a essência do pensamento], você trata da importância do número dois em metáforas e na linguagem figurada. Você diz que “é como se dois fosse um número mágico de alguma forma”. Você pode explicar melhor essa dualidade cognitiva para nossos leitores?

HERBERT L. COLSTON – Se você observar atentamente a maioria dos tipos de linguagem figurada que existem (metáfora, ironia verbal, metonímia, expressões

idiomáticas, provérbios, hipérboles e muitos, muitos outros), quase todos eles usam apenas um ou dois “domínios” em seu funcionamento. Assim, a metáfora envolve um domínio alvo (a pessoa não confiável sendo discutida) e um domínio fonte (a cobra). A ironia verbal envolve a situação real (o tempo ruim) e a situação mais desejada, preferida ou esperada, que é de fato mencionada (o tempo bom). Apenas os trocadilhos parecem envolver mais do que dois domínios, mas até mesmo eles geralmente se limitam a dois. Minha conjectura é que esse número 2 é “mágico” por ser ideal – ele permite que muitos dos tipos de mecanismos figurados de produção de sentido que eu discuti brevemente floresçam, mas não chega a almejar um nível de complexidade ainda mais complexo que poderia ocorrer com três ou mais domínios sendo evocados. Essa quantidade de domínios teria um efeito desgastante em nossa habilidade de conciliá-los. Por isso, o número dois é ótimo – ele potencializa muitos significados importantes, mas faz isso da maneira mais simples possível.

ReVEL – Do seu ponto de vista, quais são alguns dos avanços proeminentes, tanto antigos quanto recentes, dos estudos sobre linguagem figurada para a compreensão da linguística em geral?

HERBERT L. COLSTON – Com certeza a descoberta de que a metaforicidade vai muito além da esfera da linguagem foi um desenvolvimento enorme. O fato de a metáfora constituir um alicerce dos nossos conceitos e de nossa habilidade de pensar sobre o mundo, de maneira não muito diferente de como as moléculas são os alicerces da matéria, foi uma contribuição muito importante. E, em uma perspectiva mais ampla, outro grande salto é que agora nós reconhecemos o quanto de nossa linguagem normal cotidiana é de fato figurada de muitas maneiras.

Mas acho que nós também precisamos ir muito além e reconhecer que a figuratividade e, na verdade, toda a linguagem, é mais tridimensional do que considerávamos até agora. Nós temos a tendência de pensar na linguagem como algo unidimensional e nos preocupamos excessivamente com *sequencialidade* e *mapeamento* e outras ideias básicas da psicolinguística e de estudos de linguagem figurada. Acho que precisamos migrar para um novo modelo e enxergar a linguagem como uma série aninhada de camadas de quadros, todos semitransparentes, de modo que possamos olhar através deles, ao redor deles e além deles para descobrir o significado – assim como nós podemos ver os objetos próximos e distantes do nosso

mundo ao mesmo tempo e podemos olhar através de uma janela e ver tanto o exterior quanto o reflexo do interior simultaneamente e saber o que está acontecendo nessas cenas. O fato de a fala se desenvolver no tempo e de as palavras estarem dispostas em fileiras em uma página fez com que nossa atenção se concentrasse no sequenciamento e no mapeamento, mas acho que a criação de significado é muito, muito mais complexa do que isso.

Desde 2020, eu tenho assiduamente criado poesia com um componente imagético significativo, de textos em formatos diversos, passando por imagens modeladas como gráficos e formas, até a incorporação de fotografia com rica qualidade artística própria (algumas das quais faço com minhas próprias fotos, outras com a permissão de outros artistas). Esse trabalho realmente me mostrou como a criação de significado pode escapar das formas estáticas que ela tem na linguagem escrita e falada e pode ser liberada de muitas novas maneiras que estamos apenas começando a descobrir. Unir linguagem e imagens é a chave para isso, já que se trata da junção de criações artísticas de duas pessoas diferentes. E o fato de que um pouco do conteúdo dessa poesia é em si figuratividade realmente mostra o que pode ser feito – figuratividade sobre a figuratividade da figuratividade....

ReVEL - Costumamos finalizar as entrevistas da ReVEL solicitando sugestões bibliográficas aos nossos entrevistados. Você poderia indicar para nossos leitores alguns textos essenciais sobre linguagem figurada?

HERBERT L. COLSTON – Eu tenho que admitir que alguns dos trabalhos mais convincentes que li recentemente que contribuíram para minha reflexão sobre figuratividade não estão, de fato, preocupados com figuratividade – mas eles tratam de fenômenos adjacentes que, na minha opinião, nos ajudam a entender por que nós temos figuratividade e por que a usamos como usamos. Entre esses trabalhos, estão o livro “Social: Why our brains are wired to connect” [Social: por que nossos cérebros são programados para se conectar], de Matthew Lieberman, e o livro “The righteous mind: Why good people are divided by politics and religion” [A mente moralista: por que pessoas boas são segregadas por política e religião], de Johathan Haid, entre outros. Esses trabalhos nos mostram, respectivamente, que o fato de as compulsões de nossa espécie serem ridiculamente sociais explica, em grande parte, a existência da figuratividade e o “trabalho social” que ela faz para nós e o fato de que nós somos

equipados com intuições morais evolutivamente aprimoradas, que são então moldadas em concentrações culturalmente perpetuadas (ou seja, preocupar-se com todas as intuições morais que exibimos de forma mais ou menos uniforme ou concentrar nossas preocupações em um conjunto menor delas), explicam muito bem como somos conduzidos ao espectro político específico que vemos se repetir ao longo da história e como nossa linguagem, figurada ou não, segue esse padrão.

Editoras e editores
Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL
Qualis A2
ISSN 1678-8931
www.revel.inf.br